

Marcas particulares de jornalismo científico em televisões universitárias

Autor: José Dirceu Campos Góes

Titulação: Mestre em Jornalismo

Contato: deckgoes@hotmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Esse breve artigo acadêmico se propõe a apresentar uma possível definição para o Jornalismo Científico e a relatar a compreensão sobre o termo aludido à especialidade jornalística, desenvolvida pelos editores dos programas “A gente explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV Unisa e do “PGM”, da TV USP, exibidos pelo Canal Universitário de São Paulo.

Palavras-chave: Processos de produção jornalísticos. Jornalismo Científico. TV Universitária.

O termo Jornalismo Científico define uma especialização informativa que se propõe a divulgar os afazeres da ciência e as inovações tecnológicas para o público leigo através dos veículos de comunicação. Trata-se, portanto, de uma atividade desenvolvida por jornalistas a quem cabe perceber os acontecimentos, selecioná-los, construir uma narrativa com base na atualidade e viabilizar a sua publicação midiática, possibilitando a circulação social do conhecimento científico oriundo dos institutos de pesquisas, dos laboratórios ou das universidades públicas e privadas. Um dos objetivos a que se presta o jornalismo científico se consubstancia em difundir o que o cidadão deve saber ou lembrar sobre os efeitos positivos e negativos do progresso científico e o desenvolvimento tecnológico sobre a cultura, a saúde, o meio ambiente e todas as outras dimensões da vida cotidiana" (CALVO HERNANDO, 1997, p.36).

De acordo com o professor Wilson Bueno (2011), os hábitos e as técnicas usuais aos processos de produção de jornalismo científico são os mesmos para o jornalismo de maneira geral. Eles estão alinhados com o perfil, a trajetória, a história de vida e a

percepção de repórteres, editores e com a proposta editorial dos veículos jornalísticos. Para o profissional que trabalha com esse tipo de especialização informativa, requer-se uma atuação que não se restrinja à cobertura entusiasmada da ciência e da tecnologia. Dele espera-se que “se coloque como um ator deste processo, fazendo valer suas funções de informante e intérprete, além de estimular a participação pública na ciência” (BROTAS, 2011, p.148).

Nesse sentido, a contextualização das pautas, a criteriosa preparação intelectual para traduzir documentos do meio científico, o confronto plural de conteúdos e o posicionamento vigilante do jornalista perante as fontes especializadas se justificam até porque ciência e tecnologia, no mundo moderno, constituem-se em mercadorias, produzidas e apropriadas pelos grandes interesses, e as fontes, sejam elas pesquisadores, cientistas ou técnicos, podem estar absolutamente contaminadas por vínculos de toda ordem (BUENO, 2011, p.59).

Ao se pensar sobre os processos de produção de jornalismo científico no suporte televisivo, mais especificamente nas TVs universitárias, também não se pode deixar de considerar, sobretudo, as pos-

sibilidades educativas e culturais desse meio de comunicação. Ao servir de lugar de referência para um público heterogêneo e massivo, que reconhece nos telejornais a continuidade de sua própria identidade e a atuação permanente dos meios circundantes de ação social e material do seu cotidiano (VIZEU, 2008), a televisão pode utilizar a potência das imagens em movimento associada aos recursos gráficos e à retórica da palavra falada para estimular nos telespectadores o desejo de aprender diferentes aspectos sobre a Ciência e a Tecnologia.

Com este propósito, as equipes responsáveis pelos programas de jornalismo científico das TVs universitárias podem estar aptas a mediar o encontro e aproximar os cientistas da audiência. Além disso, converter a informação aparentemente cifrada proveniente das produções científicas em conhecimento jornalístico crítico (VIZEU, 2008), que tenha por objetivo a preocupação de interpretar o conteúdo dos produtos resultantes dos laboratórios de pesquisa de forma clara, sensível e compreensível para um vasto auditório, despertando “a curiosidade de ir mais além da mensagem transmitida, aprofundando-a mediante a leitura de livros, peri-

ódicos e revistas”. (CALVO HER-
NANDO, 1997, p.181).

Nas televisões pesquisadas do Canal Universitário de São Paulo, os diretores e produtores de conteúdos através de entrevistas abertas demonstraram que têm visões particulares do que entendem e praticam como jornalismo científico. Para Marcelo Dias, jornalista da TV Mackenzie,

“o que eu faço aqui é pegar a Ciência e transformar em algo acessível, pedagogizante e didático. A minha função é atrair as pessoas para as ciências. Eu sei que não vou explicar tudo, mas vou tirar as pessoas desse senso comum e fazer com que elas entendam que ciência é uma coisa legal.”

Na concepção do professor Goldfarb, do programa “Nova Stella” da TV PUC,

“a idéia de ciência considerada pelo programa é muito ampla, inclusive com referência a tudo aquilo que é considerado como pré-ciência ou pseudo-ciência, como alquimia, astrologia e magia. As formas do saber, tanto das ciências exatas ou duras como das ciências mais leves do presente são absolutamente importantes e sem distinção do nosso ponto de vista, seguindo a tendência de uma das linhas da História das Ciências, iniciada na segunda metade do século XX. Nesse sentido, fica muito bacana no programa Nova Stella porque num dia estou entrevistando um advogado que fez a ponte entre os estudos de Leibnitz e o Direito. Noutro dia, uma juíza de Goiás, por exemplo, que teve de conhecer as pro-

priedades do Césio 137 para julgar circunstâncias daquele acidente. De outra feita, já entrevistei matemáticos que transitam pelas fronteiras da música e da poesia. Portanto, desde a origem de criação do programa tentamos incrementar o debate para que haja mudanças no fazer científico e na própria comunidade.”

Na TV Unisa, o conceito e o exercício do jornalismo científico ganham características particulares assim definidas pelo diretor Cláudio Lemos:

“o objetivo do Conexão Saúde é divulgar a prestação de serviços e informação na área da saúde. Se ele é de jornalismo científico? Não sei bem se ele tem essa preocupação, mas, por exemplo, eu agora estou na apresentação do programa e parti para um mestrado na área para me preparar e entrevistar melhor os nossos convidados. Eu só sei que nós temos muitos dados de pesquisas para divulgar do campus de medicina da Unisa.”

A preocupação com a busca de especialização profissional demonstrada pelo professor Cláudio Lemos também é a mesma do jornalista Pedro Ortiz, diretor da TV USP. Para ele,

“o jornalista é o mediador do conhecimento científico ou de qualquer outra espécie como o econômico, o político, o cultural, enfim. Se o jornalista fosse apenas tradutor, então o pesquisador escreveria um texto e o jornalista pegaria aquele artigo acadêmico do cientista e o

traduziria para uma linguagem não cifrada, para uma linguagem que possibilitasse o acesso de todos os leitores ou telespectadores. Eu acho que não é apenas isso o que o jornalista faz. Sim, ele tem o papel de, entre aspas, traduzir o que o cientista pesquisa, mas não se esgota aí. Ele deve demonstrar que é um profissional, que a apuração de informações, o confronto com outros dados de conhecimentos e a abertura de espaço para a pluralidade de vozes não é simplesmente uma técnica que se aprende numa semana. O jornalista é um profissional da Comunicação, que também é uma ciência alicerçada em teorias de aplicabilidade social.”

A partir destes depoimentos, observa-se a compreensão do que eles definem como seja o jornalismo científico e a sua praticidade. São linhas editoriais que se alternam e deixam supor que na TV Mackenzie o intuito de “atrair as pessoas para as ciências” pode estar associado ao propósito de popularizar o desejo de aprender, convertendo o conhecimento contido nos relatórios de pesquisa em entretenimento e informação compreensível para um vasto auditório. Já na TV PUC, aspectos gerais das ciências e da tecnologia “são absolutamente importantes” para motivar entrevistas com diferentes especialistas acadêmicos, com o objetivo de levar o telespectador a refletir a respeito dos efeitos positivos e negativos do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico incidentes sobre a vida cotidiana.

Quanto ao jornalismo científico praticado na TV Unisa, caracteriza-se muito mais como um prestador de serviços na área da Saúde, embora o diretor da

televisão recentemente tenha ingressado numa pós-graduação como forma de se especializar enquanto um jornalista capaz de mediar com mais precisão o conhecimento científico oriundo do mundo acadêmico para a sociedade. Quanto à forma de atuar da equipe de produção da TV USP, apregoa-se que ao jornalista não cabe somente traduzir o que os cientistas pesquisam, mas ir mais além, contextualizando as informações obtidas, abrindo espaço para a inserção de dados contraditórios e assegurando a pluralidade

de vozes nas entrevistas e reportagens, o que nem sempre se efetivava de acordo com as orientações editoriais recomendadas.

Portanto, se estes são os princípios que norteiam os processos produtivos das TVs estudadas, eles também são os mesmos que revelam suas contradições. Entretanto, pode-se considerar que as equipes de produção das TVs universitárias pesquisadas se esforçam para capturar e divulgar com exatidão o teor dos acontecimentos gerados pelo mundo acadêmico, reconstituindo a memória da

audiência ao correlacionar a novidade científica recém-descoberta a experiências similares do passado que servem como marco de referência cultural da sociedade onde atuam. Além disso, que apesar dos contratempos surgidos na produção do “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” os integrantes das equipes de produção desenvolvem seu trabalho com agilidade, bom-senso e improviso, para tentar fornecer explicações sem as quais a descrição dos acontecimentos tão somente não teria razão de ser.

REFERÊNCIAS

BROTAS, Antonio Marcos Pereira. Jornalismo Científico em Tempo de Controvérsia. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

BUENO, Wilson Costa. As fontes comprometidas no jornalismo científico. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

CALVO HERNANDO, Manuel. Manual de periodismo Científico. Barcelona: Bosch Casa Editorial S. A., 1997.

GÓES, J.D.C. A produção de programas de jornalismo científico em TVs universitárias. Dissertação de Mestrado. UFSC:2013.

VIZEU, Alfredo. (org.). A sociedade do telejornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.